

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

LUCAS VIEIRA BONO ZAMAIA

**A RELAÇÃO DOCENTE E DISCENTE E A QUALIDADE NO
APRENDIZADO ATRAVÉS DA AFETIVIDADE**

São Paulo

2021

LUCAS VIEIRA BONO ZAMAIA

**A RELAÇÃO DOCENTE E DISCENTE E A QUALIDADE NO
APRENDIZADO ATRAVÉS DA AFETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Arte-Teatro.

Orientadora Profa. Dra.: Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo

2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

Z23r	<p>Zamaia, Lucas Vieira Bono, 1995-</p> <p>A relação docente e discente e a qualidade no aprendizado através da afetividade / Lucas Vieira Bono Zamaia. - São Paulo, 2021. 39 f.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes</p> <p>1. Análise de interação em educação. 2. Prática de ensino. 3. Aprendizagem. 4. Afeto (Psicologia). 5. Professores e alunos. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p>CDD 371.1023</p>
------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

LUCAS VIEIRA BONO ZAMAIA

A RELAÇÃO DOCENTE E DISCENTE E A QUALIDADE NO APRENDIZADO ATRAVÉS DA AFETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Arte-Teatro.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes da Unesp - Orientadora

Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela
Instituto de Artes da Unesp

Dedico este trabalho a todos os docentes que tive a oportunidade de encontrar em minha vida acadêmica e que me inspiraram no tema deste trabalho, em especial a Rita, minha orientadora. Também dedico aos meus pais, ao meu irmão, ao meu parceiro e acima de tudo, a Deus.

RESUMO

Quais são os benefícios de se criar uma relação positiva e construtiva entre docente-discente? Quais são os artifícios necessários para proporcionar este vínculo e torná-lo um amplificador do conhecimento e de qualidade do ensino? Partindo disso, falarei sobre a afetividade e outros caminhos que podem estreitar a relação entre educadores e educandos no ambiente escolar, sobre questões cognitivas do ser humano que devem ser levadas em consideração pelo docente e que contribuem para uma compreensão mais sensível sobre as individualidades de cada discente, e o quanto essas funcionalidades acadêmicas estarão ligadas a toda uma trajetória no ambiente escolar do discente, proporcionando a ele um caminho mais facilitado para o aprendizado e uma educação humanizada inclusiva e saudável. Discutirei a importância e também os reflexos da instituição de ensino na educação e seus ambientes de ensino, e também o papel da família na relação do discente com a escola. A partir de algumas experiências compartilhadas, apontarei uma compreensão dos benefícios de uma relação positiva, construtiva e saudável dentro do ambiente escolar. Com a ajuda de alguns autores, abordarei a afetividade na relação docente-discente aliada a educação.

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Aprendizado.

ABSTRACT

What are the benefits of creating a positive and constructive teacher-student relationship? What are the necessary devices to provide this link and make it an amplifier of knowledge and teaching quality? Based on this, I will talk about affectivity and other ways to strengthen the bond between educators and students in the school environment, I will discuss about human cognitive issues that must be taken into consideration by the teacher (which contributes for a more sensitive understanding of each student individuality), and how those academic functions will be attached to the whole student trajectory at the school environment, providing them an easier path for learning and an inclusive and healthy humanized education. I will bring the importance and reflections of the teaching institution (and its environments in general) at the education and also the role of the family in the student's relationship with the school. From some shared experiences, I will highlight the benefits of a positive, constructive and healthy relationship at all of the school surroundings. With the help of some authors, I will touch some points about the affectivity in the teacher-student relationship combined with education.

Keywords: Affectivity. Education. Apprenticeship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TEMPOS DE ESCOLA	10
2.1	O desaparecimento da infância.....	12
2.2	O papel da instituição.....	15
2.3	Educação a distância ou híbrida.....	18
3	O LUGAR E O CONCEITO DO AFETO	21
3.1	A psicologia da educação – afetividade.....	22
4	O CAMINHO DA APRENDIZAGEM	30
4.1	Dentro da sala de aula.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

Quando penso em educação, sempre me vem em mente que existe um indivíduo que conduzirá o aprendizado, a troca de conhecimentos. Para tal, em sala de aula, em uma roda de conversas, em um teatro ou até mesmo em janelas virtuais, é preciso entender-se como docente e colocar em prática o fazer educar, trabalhando com alguns artifícios metodológicos estudados e outros adquiridos no dia-a-dia para conseguir comunicar, alcançar e instigar o aprendizado no discente. Mas como isso se dá?

Digo “entender-se como docente” pois não é uma regra que se aplica em todos os casos, visto que em muitos locais a educação se dá sem a estruturação escolar, variando diante das possibilidades sociais de cada região, além do entendimento da arte que educa, onde o artista é quem transmite a história ou ideia que está sendo contada, seja ela no teatro, na dança, nas artes visuais, entre outras.

A docência é uma discussão que busco relacionar com a obra de Rachel (2013) “Adote o artista não deixe ele virar professor”, onde ela aborda o tema da educação sendo uma docente-artista e de como ser docente é performar quanto educadora. A ideia de performance, que não se resume apenas ao viés artístico, permeia e valoriza a espacialidade e afetividade na relação docente-discente.

Algo que se torna comum entre as diferentes maneiras de aprender e educar, é o fato de haver sempre este “fio condutor” que alimenta e provoca o pensamento sobre determinado assunto, mas que não é uma tarefa tão simples. Há diversas incógnitas que podem surgir nesse processo, se assim for identificado como processo, pois estamos falando de seres humanos e suas individualidades, e nem toda experiência precisa ser interpretada como processual, ela por si só tem seu valor educacional.

Nesta direção, discutiremos através de Rodrigues e Tavares (2009) o desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes dentro da educação e sua relação com o ambiente escolar, e o quanto sua compreensão quanto indivíduo em uma sociedade e sua visão de mundo influenciará no seu comportamento acadêmico e na afetuosidade com o docente e colegas.

Falaremos sobre o lugar da afetividade do indivíduo e sobre o desenvolvimento cognitivo, mas antes vale ressaltar que existem diversos estudos sobre cognição, pois é

uma área da neurociência e da psicologia muito estudada, pesquisada, ampla e aprofundada (que não pretendo adentrar muito) mas que nos ajudará a dialogar com a relação do ser humano com o ambiente escolar.

Nesse caminho, abordarei os estudos de Vygotsky (2003) onde situará que as ferramentas culturais na vida do indivíduo serão percursoras em seu aprendizado e com seus interesses e também as ideias de afetividade e inteligência de Wallon, sob o olhar de Hélène Gratiot-Alfandéry (2010) . As emoções, sentimentos, e relação com o mundo da criança serão munidos de um intelecto em formação desde o seu primeiro contato com a sociedade. Percorrerei os estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1970), que embora seja um estudo não tão recente, ainda é material de pesquisa e referência quando falamos em processo de aprendizagem, onde ele segmenta em diferentes faixas etárias seu estudo sobre cognição, que somará na discussão sobre as relações nas diferentes idades das crianças e adolescentes.

Para abordar a relação que se cria entre docente-discente, é imprescindível falarmos sobre aprendizado e seus processos. Nesses processos surgirão descobertas, definições de vontades e inclinações por determinados temas, que podem ser diferentes para cada discente e que, como docentes, precisaremos compreender que o aprendizado não se resume somente ao ambiente escolar, mas que é uma característica provinda também do ambiente familiar e de uma construção social.

Lembro do meu processo de aprendizado de uma forma clara e calorosa, desde os anos primários e do contato acolhedor de alguns docentes que nos entendiam como crianças com suas particularidades, logo em seguida nos anos finais e médio a cobrança saudável e a parceria de alguns docentes em nos instigar a continuarmos nossa formação, e atualmente, na graduação, do prazer de aprender o ensinar com os docentes que ampliam nossos horizontes de entender este universo do contato humano na função de instigar o conhecimento, o aprendizado e o prazer de estudar.

Mas é importante compreender que a relação que teremos com a nossa vida acadêmica não se resumirá somente a bons momentos e boas lembranças, também teremos traumas e obstáculos em nosso aprendizado que como discentes, precisaremos de um amparo do docente, da instituição e também da família. Compreender-se como um ser humano que pode errar, e saber lidar com o erro, é fundamental para que haja

um aprendizado saudável, e como docente, saber lidar com essa necessidade dos discentes é estar munido de artifícios e disponibilidade para ensiná-los a naturalizar os erros.

Outro assunto bastante presente no qual falarei, e principal tema deste trabalho, é em relação a afetividade na relação docente e discente, e quais são seus efeitos na educação. Com a ajuda de Bock (2005), trarei em discussão o papel dos afetos e sua importância. Através deles, poderá se observar que todos os indivíduos necessitam de referências para conseguir enriquecer-se de material humano para relacionar-se com o ambiente, o que estimulará a nossa relação com o meio.

A infância, como uma importante fase na vida do ser humano, principalmente na educação, é delimitadora do princípio da formação intelectual, cultural e de associação de linguagens do meio cotidiano, e com a inspiração de Postman (1999) e novamente Vygotsky (1998), discutiremos sobre as diferentes infâncias: a infância contemporânea e o reconhecimento da infância no papel social da criança.

Neste trabalho utilizarei minhas próprias experiências para compartilhar a afetividade da minha vivência escolar com alguns docentes, colaborando para a compreensão do tema, e para isso utilizarei pronomes na primeira pessoa do singular, mas voltarei a discussão para a primeira pessoa do plural.

O que é mais instigante e que foge de um controle teorizado sobre o assunto no qual abordo neste trabalho, é entender por que e como se cria essa relação, esse vínculo afetivo, entre docente e discente, que gera e alimenta o interesse do discente em disponibilizar-se para o aprendizado e investigação, que o faz entender através desse contato pessoal, uma certa confiança um no outro. Como se dá essa relação? Como criar essa conexão, e por que ela é mais existente com alguns docentes, e menos com outros? Será que existe um modelo correto, mais eficiente, em comparação a outro modelo pedagógico? E uma última questão: é uma responsabilidade que cabe somente ao docente para que o discente tenha uma boa relação com a escola?

2 TEMPOS DE ESCOLA

A primeira vez que me senti como discente foi quando, na primeira série do ensino fundamental, recebi um prêmio por ter feito o melhor desenho em uma competição regional, no interior de São Paulo, com direito até a medalha. Obviamente antes disso o universo escolar já me situava na situação de aprender, mas somente quando houve um reconhecimento do meu saber, das minhas características e habilidades, que veio a constatação de que eu era de fato um discente.

Não obstante isso só foi possível com a ajuda da docente que me dava aula na época, Rosimeire. Lembro-me que uma das características que a fazia popular era “a tia brava”, mas isso era por conta da sua seriedade em compartilhar seus conhecimentos para aquelas crianças, e acredito que fora por isso que ela ficou tão marcada na minha memória.

Pouco tempo antes disso, na educação infantil, havia uma outra docente chamada Nilvete, que foi uma docente de grande importância no meu início escolar. Ela tinha uma característica de ensinar através do compartilhar, do contar histórias, de nos ensinar brincadeiras e me recordo que todas as semanas haviam festanças com músicas e comidas. Ela nos tratava com um olhar carinhoso, muito acolhedor, e acredito que por este motivo iniciei a vida acadêmica de uma maneira harmoniosa, e até hoje recordo dela no meu dia a dia acadêmico.

Ainda no ensino fundamental I, na terceira série, outra docente marcou bastante minha trajetória escolar e foi a primeira vez que senti falta de uma docente ao vê-la ir embora, pois ela substituía a docente efetiva. Seu nome era Fernanda. Ela nos trouxe o nosso primeiro contato com a música popular, e todos os dias no final da aula nos ensinava uma música diferente, onde aprendíamos, escrevíamos e cantávamos as letras. Nos fazia também questionar e interpretar as letras, nos instigando a conhecer melhor as músicas, e que para nós crianças, até o momento, eram somente canções e nada mais. Conheci cantores como o Pixinguinha, que talvez nunca ouviria falar em minha vida se não fosse por essa oportunidade de aprender cantar sua música “Carinhoso”, que me lembro até hoje. Era engraçado a situação de quando chegava cantando estas músicas em casa e minha mãe se maravilhava quando eu dizia que aprendi na escola, músicas

estas que eram da época dela e não imaginava um dia que eu fosse conhece-las, muito menos na escola.

Não menos importante, no teatro, conheci uma docente que me guiou na direção de seguir a profissão de ator e também, como Paulo Freire preferia chamar – “para a organização de uma série de inquietações com as quais tenho me debatido desde o momento em que decidi exercer os ofícios de docente.” (RACHEL, 2013, p.2). O nome dela era Priscila. Foi minha docente de teatro no Sesi por um longo e intenso ano, onde pude finalmente decidir, no ápice da adolescência, a profissão que eu viria a seguir. O carinho, o afeto, o sentimento familiar que ela despertou em mim, foi tão intenso e forte que quando ela precisou abandonar seu posto e ir trabalhar em São Paulo, me enchi de coragem seguindo seus passos e me mudei para a capital, onde permaneço até hoje. Lembro-me que o dia da despedida foi rodeado de abraços e lágrimas, como se estivéssemos perdendo uma parte muito importante de nós, o que tornou a despedida muito marcante na minha memória. A Priscila realmente tornou-se uma figura importante na minha trajetória como discente, como ator, e por isso mantenho esse vínculo de amizade que criamos.

Transportando-se para o hoje, mais especificamente na graduação que realizo na Universidade Estadual Paulista (Unesp), tive a sorte de conhecer uma das docentes mais bondosa e amável que já conheci desde os primeiros anos da educação, a docente Lilian. De imediato, me encantou a maneira como ela conduz a aula, como se envolve, como cria vínculos com os discentes e torna a experiência da sala de aula não uma educação bancária, como dizia Paulo Freire (1997), mas sim uma educação libertadora, de trocas, onde ela nos acolhe e mostra o mundo que ela percorreu em sua trajetória acadêmica e nos cria o interesse de pesquisar, de instigar-se a buscar aquilo por si mesmos. Nunca me esqueço de que, ainda no primeiro ano da graduação, eu estava passando por um momento particular familiar difícil e estava um pouco displicente com as aulas. Certo dia fui até a Lilian compartilhar com ela resumidamente, sem entrar muito nos detalhes, o que estava acontecendo, e ela sem questionar, sem querer comprovações, me deu um suporte e apoio com materiais e trabalhos alternativos para suprir as ausências, e isso me tocou muito, tornando a atitude e a imagem dela, daquele momento, um modelo de docente que eu desejo ser um dia.

Enfim, todos esses exemplos serviram de disparadores para eu indagar, questionar e pesquisar o motivo de que, alguns docentes, guiam nossa trajetória acadêmica, profissional e pessoal de forma muito positiva, e o quanto estas atitudes e metodologias no espaço da educação desenvolveu e desenvolve em mim, e em outros discentes, o interesse, a disponibilidade, a vontade de estar em sala de aula e no teatro, de explorar e aprender todos os conteúdos e ensinamentos que o docente, com quem criamos esse vínculo, seja ele por respeito, por afetividade, por carinho e por todos os caminhos construídos, nos proporciona. Por que isso se dá? O que torna estes docentes tão especiais e diferentes dos demais, para nós? É um assunto que envolve a psicologia presente na educação nos ambientes escolares, sobre as relações que se criam e que se exploradas com qualidade, podem proporcionar uma educação produtiva tanto para o discente, quanto para os docentes.

2.1 O desaparecimento da infância

Para começarmos entender um pouco como se cria esse vínculo entre docente e discente, precisamos começar pelos primeiros contatos entre eles, que ocorrem na infância.

Sabemos que a infância é o princípio da formação intelectual, cultural e de associação de linguagens do meio cotidiano, ao se relacionarem com outras crianças e com os docentes. Assim como dizia Vygotsky (1998), a criança é um ser social e faz parte de um contexto macrossocial, o qual interfere no seu comportamento através de atividades mediadas entre este ser e a linguagem. Com efeito, a linguagem se configura como o elo de ligação entre as demais funções psicológicas.

A linguagem era um termo muito explorado e pesquisado por Vygotsky pois, além de ter uma função comunicativa, de expressar-se e poder manifestar emoções e sentimentos, o que é bastante importante para uma criança, ela é essencial na formação do pensamento e da consciência; na organização e planejamento da ação; na regulação do comportamento e, em todas as demais funções psíquicas superiores do sujeito, como vontade, memória, atenção, qualidade social e avaliação emancipatória.

Pensando na criança no ambiente escolar, é neste local, que muitas vezes é

adaptado conforme as possibilidades de determinada região ou cidade que por vias públicas tem pouca acessibilidade à elementos construtivos que constituem uma escola, que a relação com o aprender é deveras formada na mentalidade do ser humano, talvez na infância ainda não haja a seriedade, não por parte da criança, mas pela visão social que os adultos esperam do ensino, ainda assim por brincadeiras e as vezes, por manifestações de sentimentos e emoções, as crianças estão aprendendo. Este aprender, vindo das experiências, não é diretamente proveniente do docente, pois cada ser humano tem suas particularidades e interpretações de vida, especificidades que são bastante importantes e que independem do ambiente escolar, como a constituição e participação da família, que também é um meio educativo social e bastante importante para estudos psicológicos que impactam a formação do ser humano, e isso acaba fugindo muitas vezes de um estudo teórico, e não há um “método” de ensino que caiba a qualquer ambiente escolar e que seja cem por cento eficaz, mas cabe ao docente a responsabilidade de mediar, de acompanhar, de fornecer e adaptar o ambiente da educação como uma via transparente e acessível para que todos os tipos de crianças com as suas mais diversas características e limitações, possam fluir em conhecimento, em experiências, sejam elas boas, ou até mesmo ruins, mas que aquilo se torne um aprendizado para esses seres humanos em início do que chamamos de formação.

Assim como título deste tópico, tomei como referência a obra de Neil Postman (1999), obra essa que conheci em aula trazida por um docente da graduação, para abordar a infância de maneira objetiva e que abrange pontos importantes na construção social do indivíduo e que auxilia no pensamento da construção das relações. Já dizia Postman:

Como na verdade é a própria infância. Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos – mesmo a aparência física – de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis. (POSTMAN, 1999, p.13).

Muitas vezes o que ocorre e que alguns docentes acabam colocando em prática é o fato de subestimarem a inteligência das crianças, principalmente nos anos iniciais, tratando-as como incapazes de entender determinado assunto e acabam abordando um diálogo com seus discentes de uma forma não tradicional, deixando até mesmo de

trabalhar com um material que seria interessante e enriquecedor para aquelas crianças, mas que por vários motivos, esses docentes acabam indo para outra direção. Sempre ouço de colegas de turma que já trabalham ou já tiveram a experiência em dar aula para crianças, dos anos iniciais principalmente, comentarem o quanto é impressionante quando, ao se ensinar arte e contextualizar o mundo através da cultura, dos conhecimentos básicos da existência humana, explicar as relações sociais e até mesmo políticas, eles reconhecerem o que está sendo abordado e diversas vezes indagam sobre o assunto, mostrando-se realmente interessados em debater sobre os temas, mesmo que não tenham muito baseamento teórico e de experiências, mas é algo que chama a atenção e objetivamente, é o melhor caminho quando pensamos em uma educação inclusiva, não subestimada e construtiva.

Só para deixar claro, este trabalho não tem o objetivo de menosprezar os docentes que preferem seguir o caminho mais “seguro” no ambiente escolar ao transmitir ideias e limitar argumentos com determinado grupo de discentes dependendo de sua faixa etária, mas sim de tentar compreender o quanto isso aproxima ou afasta os discentes desse contato de ideias e o quanto essa limitação pode estar rompendo uma linha de pensamento e conhecimentos que um discente poderia encontrar e aprender muito com isso.

Assim como Neil Postman argumenta em sua obra, é notório que a infância perdeu ao longo dos anos as características que eram mais visíveis e, adultos e crianças, estão cada vez mais parecidos, não obstante que existem até os dias de hoje movimentos importantes crescentes no sentido de reformular os direitos legais das crianças. Talvez, por essa semelhança cada vez mais intensa e prematura comparada com a dos adultos, que as crianças estão cada vez mais capacitadas, não que um dia não foram, mas que por conta dos fluxos de informações que estão cada vez mais acessíveis e difundidas na sociedade, elas estão mais “atentas” com temas atuais, e quando um docente aborda um assunto importante, muitos deles se interessam e querem fazer questionamentos, e isso pode ser considerado aprender. Mas como filtrarmos e sabermos, como docentes, quais assuntos podemos abordar com determinada faixa etária de discentes? Para isso, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) regulamenta e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os discentes devem desenvolver ao

longo das etapas e modalidades da Educação Básica, mas no dia a dia, questões emergem das mais diversas fontes, e precisamos tratar elas com os discentes para que assim, eles possam estarem contextualizados com os assuntos do mundo, gerando assim a capacidade deles se sentirem reconhecidos como seres com valor de pensamento e de opinião.

O reconhecimento, de docente para discente, é um dos caminhos que pude encontrar para justificar o elo, a relação que se cria e fortalece entre docente e discente. Não é algo simples, pois cada discente terá suas compreensões de mundo e deveras até tenha um resultado de sentimento oposto ao almejado pelo docente, de alcança-lo com questionamentos e reflexões que geram interesse àquele individuo, o que é totalmente dependente do fluxo natural dos diálogos e ideias e independe da vontade e artifícios utilizados, mas nós como docentes não podemos deixar de trazer determinada discussão por receio de não ser compreendido pelos discentes, muito pelo contrário, não existe fórmula para se criar relações positivas e construtivas, mas é um caminho certo de que ao não diminuir o valor de compreensão das crianças e adolescentes, que abrimos um horizonte de possibilidades deles se relacionarem e construírem uma identificação à partir de confiança, respeito e igualdade no ambiente da sala de aula.

2.2 O papel da instituição

Quando o assunto é o interesse do discente com o estudar, o aprender, além do papel do docente de criar atrativos e viabilizar caminhos para que o estudante possa criar interesses, motivos e disposição para estudar, a instituição, seja ela pública, privada, formal ou não-formal, tem um grande papel e é de grande importância no suporte e apoio ao trabalho realizado pelo docente.

Atualmente existem diversos modelos de ensino utilizados pelas instituições de ensino ao redor do mundo, e algumas se aplicam no Brasil, como por exemplo as escolas construtivistas, que colocam o discente como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem e o docente atua como um agente facilitador que orienta o estudante a buscar e gerar seus próprios conhecimentos. Esse modelo, reconhecido pelas próprias instituições como uma estrutura educacional humanista, valoriza a autoestima do

discente e a importância das relações interpessoais, procura-se olhar e cuidar de todos os pequenos detalhes, para assim concretizar a formação de um indivíduo que seja responsável pela amplitude e aprimoramento do saber, da cultura, de justiça, da ética e do respeito às diferenças, que são valores fundamentais que devem ser inerentes a todos os seres humanos.

Outro modelo também reconhecido e bastante debatido são as escolas Waldorf. Nesse modelo os discentes são agrupados por idades e não, necessariamente, por séries. São levados em consideração na metodologia da escola o desenvolvimento corporal, anímico e espiritual. Para desenvolver esses aspectos, os discentes contam com um docente de classe que os acompanham durante todo um ciclo, além de aulas com outros docentes para cobrir outras partes do currículo. A pedagogia Waldorf é baseada na Antroposofia – palavra de origem grega que significa “sabedoria humana”. É interessante entender que o docente, em uma instituição com esta metodologia, assume um papel de guia, de estimulador das características mais ressaltadas dos discentes e de certa forma, os instiga a buscar mais conhecimento em determinado assunto. Ele encoraja a criatividade, a imaginação e conduz os discentes a um pensamento livre e autônomo.

Dados esses exemplos de diferentes modelos de ensino, a discussão que eu trago é a que, independentemente do método utilizado e de qual a constituição da instituição de ensino, o ambiente onde se ensina tem um papel fundamental na relação que o docente irá criar e transformar através das aulas com o discente. Não falo somente em ambiente físico, material, mas também no ambiente espacial, que implica em relações sociais e psicológicas de cada discente, pois como comentado, e principalmente falando do Brasil, cada discente terá uma constituição diferente de família, de afetos, de privilégios sociais e econômicos diferentes uns dos outros. Sejam instituições públicas ou privadas, elas têm o papel de integralizar, de dar acessibilidade aos discentes que frequentam a escola com suas mais diversas características e limitações.

Falando especificamente das matérias de artes, na qual possuo mais proximidade, que englobam teatro, dança, artes visuais, música entre outras ferramentas da disciplina, é comum nos depararmos com relatos de colegas e docentes que atuam em instituições de ensino que algumas vezes colocam a metodologia de ensino como um ponto fixo, uma

limitação à produção de conteúdo do docente, tornando o trabalho um tanto monótono, repetitivo e pouco atrativo ao público-alvo, que nesse caso são os discentes. É frustrante, muitas vezes, os relatos desses docentes que por ordens de um poder constituído nada horizontal em algumas instituições, não conseguem trabalhar e explorar o seu melhor e trazer esse contato docente e discente a um patamar de criar conexões em sala de aula.

Quando um docente atua em sala de aula, sendo ele um artista, em sua grande parte o intuito é trazer referências do trabalho a ser produzido de formas que rompem o padrão da sala de aula condimentado ao longo dos anos na educação formal tradicional. É notória a eficácia de um docente que trabalha uma pedagogia próxima da educação de Paulo Freire ao abordar determinados assuntos com os discentes, sendo um indivíduo problematizador e libertador do conhecimento, que acredita no potencial criativo dos jovens e adolescentes de produzirem e encontrarem suas próprias ferramentas de trabalho, e que, por experiência própria, afirmo que é facilitadora no papel de aproximar docente e discente, destituindo o poder e tornando-o um companheiro de sala, alguém com quem os discentes podem contar e criar vínculos afetivos.

Na obra “Adote um artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido docente performer” de Denise Pereira Rachel, ela consegue abordar de forma objetiva o papel do docente que se desconstrói como docente, e atua como performer com seus discentes, e o quanto isso é positivo e leva o aprendizado a um outro lugar, trazendo à tona questões relevantes acerca da atuação docente no âmbito performático.

A autora nos convida a refletir sobre a possibilidade de hibridizar esses dois papéis, docente e performer, somando as potencialidades do indivíduo no viés de um processo educativo enriquecedor, libertador e humanizado. O conceito de performer não se resume somente ao artista, todo docente performa enquanto educa, ele terá sua própria maneira de executar seu trabalho, de uma forma diferente, mesmo em comparação com outro docente, ele é único, vivo, e isso é performance.

Seu trabalho também aborda o papel da instituição quando falamos da educação que é oferecida ao discente, e como essas tratam o ensino da arte na escola como algo “banalizado” e somente para descontrair os discentes (e não é por acaso que em 2021 ainda nos deparamos com alguns relatos de colegas de trabalho dessa postura de diversas instituições de ensino no tratamento da disciplina de artes).

Onde entraria a aula de artes nesta instituição que parece tão preocupada em reproduzir discursos e sedimentar padrões? Seria o espaço para a bagunça, para extravasar as emoções? Seria o espaço para a decoração das paredes, muros, datas comemorativas e festas escolares? Seria o espaço para a releitura de obras de artistas reconhecidos histórica e mercadologicamente? No fluxo destes questionamentos lanço a provocação do artista intermídia, Nelson Leirner que diz ter sido docente sem nunca ter ensinado artes, pois para ele arte não se ensina. (RACHEL, 2013, p. 4).

Seria um mundo ideal onde docentes fossem compreendidos como seres que, não somente, tem o papel de ensinar determinado tema ou assunto, mas sim como indivíduos que ampliam horizontes do conhecimento para seus discentes e rompem com a ideia da Educação Bancária estudada por Paulo Freire (1997) e com a possibilidade de atuar com a Educação Libertadora. E quando falamos de liberdade no ensino não estamos falando de desorganização ou falta de direcionamento, muito pelo contrário, tratamos do quão é importante o papel do docente em transformar o ambiente de ensino em um espaço de crítica, de diálogo permanente e dinâmico, despertando a autonomia e dignidade de cada educando, tornando-os indivíduos curiosos e aventureiros. Esta liberdade na qual estamos abordando é mais um dos caminhos construtivos desta conexão na relação docente e discente, e que embora seja limitada muitas vezes pelas próprias instituições, ainda assim se torna uma grande aliada ao docente que pretende não assumir a figura clássica do ser que domina o saber, mas sim alguém com quem o discente se identificará mais facilmente e confiará que neste ambiente constituído desta troca entre todos os envolvidos, sem o papel de poder mas sim de liderança, de direcionador, e desta forma o aprendizado será mais prazeroso e isso também poderá despertar através da afetividade o interesse do discente com o aprendizado.

2.3 Educação a distância ou híbrida

A educação à distância e em alguns casos, híbrida, tornou-se uma modalidade de ensino muito presente nos últimos anos devido a necessidade de adaptar-se ao momento pandêmico do Covid-19. Por meio do estágio obrigatório, pude presenciar e observar a relação que se instaurou por conta do ambiente virtual, entre discente e docente na sala

de aula (se assim podemos chama-la).

Os desafios metodológicos no ensino a distância, e também tratado como ensino remoto por alguns, são incontáveis e implicam diretamente no tema que estamos abordando sobre relação e vínculos construtivos da relação docente e discentes. Como se aproximar, como atrair, como criar uma conexão com um discente que está fisicamente em um outro ambiente, como tornar esse ambiente virtual um espaço de aprendizagem humanizado, sem que se torne algo “robotizado” por vias tecnológicas? É um desafio e tanto.

O processo aprendizagem deste novo momento transforma o ambiente escolar desafiador para o docente, onde sua única maneira de contato pessoal é uma janela virtual e ele precisa atingir seus educandos por vias distantes e com ferramentas virtuais, como materiais em vídeo e outras ferramentas online que de certa forma, rompem paradigmas da educação tradicional. Esse novo momento de certa forma amplificou a nossa concepção do quão importante é a criação de vínculos afetivos e relacionais no ensino-educação, que são indispensáveis para um processo saudável, eficiente e fomentador de conhecimentos e ideias. A mediação do docente no conteúdo que se aplica e da maneira que ele chegará ao discente trouxe, de certa forma, mais autonomia do discente quando falamos de educação e limitações de regras institucionais, mas ao mesmo tempo também se tornou mais um elemento dificultador ao docente para trabalhar determinados assuntos e tornar o aprendizado atrativo e sem distrações.

Falando da minha experiência de estágio formal, acompanhei as aulas da docente Letícia de Souza Melo que é docente da matéria de Artes para os anos iniciais e finais do ensino fundamental no colégio Cardeal Lizarde, situado no bairro do Bosque da Saúde, em São Paulo. No período em que a acompanhei, o colégio adaptou as aulas da docente na metodologia do ensino híbrido, onde uma porcentagem dos discentes participava da aula presencialmente, enquanto a docente também trabalhava paralelamente com os demais discentes da turma no ensino remoto. O primeiro elemento que pude observar foi o quanto é desafiador, em relação ao modelo presencial e ao modelo de ensino a distância, unir estas duas modalidades em uma. A atenção do docente torna-se dividida entre os discentes que estão fisicamente com ela e com os discentes que estão no ambiente virtual, e isso em alguns momentos criavam obstáculos no caminho pedagógico

da docente. Sendo uma docente da disciplina de Artes e pós graduada em procedimentos artístico, teatro, dança e música, Letícia conseguia proporcionar trocas e ligações interessantes e produtivas com os discentes, e embora o material fornecido pelo colégio fosse aplicado através do sistema de ensino Sucesso, que de certa forma traz um material já selecionado, a maneira com que ela trabalhava contemplava muito os seus educandos e era perceptível o elo afetivo compartilhado por eles em relação à docente, e como isso dava abertura para que o processo criativo em aula, tanto presencial ou virtual, proporcionasse o desenvolvimento sociocognitivo dos discentes, indispensável principalmente para este momento de ensino remoto por conta da falta da relação interpessoal entre discente e docente, e entre discentes, provinda da presencialidade em sala de aula, e que é um fator constituído na educação formal que constrói relações sociais fundamentais ao ser humano.

As reações sociais e afetivo-emocionais que as crianças manifestam dependem, em parte, de como elas pensam. As pesquisas sobre o desenvolvimento sociocognitivo focalizam o conhecimento das crianças e a compreensão do mundo social - das pessoas, incluindo elas mesmas, e o das relações sociais. (RODRIGUES e TAVARES, 2009).

3 O LUGAR E O CONCEITO DO AFETO

Não podemos falar sobre afetividade e seu papel na educação sem discutirmos seu conceito e trazer em conversa algumas ideias que Wallon obtinha em seus estudos sobre afetividade nas relações interpessoais na sala de aula, e de certa forma Vygotsky, em suas pesquisas sobre o desenvolvimento intelectual das crianças dentro das interações sociais e relação com a vida.

Quando me deparei com esses dois pensadores, fiquei imaginando se o conceito de afetividade em suas épocas em que as estudaram, seria o mesmo que temos hoje, quando pensamos em afetividade entre docente e discente dentro do ambiente escolar. Diante de seus estudos, notei que a afetividade está diretamente relacionada ao contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, e que suas divergências de indivíduo para indivíduo molda a forma com que ele se relacionará com o mundo e com os outros seres.

Segundo Wallon, a afetividade está relacionada a inteligência e ambas constituem a personalidade do indivíduo, mas de maneiras diferentes: sendo a primeira ligada à parte interna do ser, às emoções e a sensibilidade ao enxergar o mundo e relacionar-se com ele, traduzindo seu papel social como pessoa; e a segunda, em contrapartida, vem acompanhada com as sensibilidades externas do ser humano, deixando-se influenciar, ou não, pelo mundo exterior e assim construindo o que ele denomina como objeto. Vale lembrar que Wallon discute desta forma pois sua tese é de que o processo de evolução do ser humano depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente que o afetará de alguma forma desde seu contato inicial. Para ele, toda pessoa já nasce com artifícios e características de desenvolver-se e relacionar-se, mas que somente o meio em que vive lhe permitirá de fato um desenvolvimento de suas qualidades e relações.

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, ensejam assim mudanças que tendem a reduzi-las. Sobre elas repousam arrebatamentos gregários que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis aguçam seus meios de expressão, fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 73).

Enquanto Wallon traz a ideia de que afetividade e inteligência se alternam,

constituindo a estruturação cognitiva no ser humano através das emoções, Vygotsky interpreta que a afetividade e inteligência são complementares, que atuam conjuntamente nas associações mentais do indivíduo, do ser pensante.

Diante dessas ideias, quero trazer em discussão a relação do docente com o afeto e aprendizagem e como sua atitude com o discente gerará nele um comprometimento pessoal e também profissional como educador, que vai além de apenas um bom relacionamento, carinho e amizade com o discente. O docente será sempre o mediador do conhecimento, das relações, mas para isso acontecer ele deve desprender-se do seu papel social de docente e, de forma subjetiva (pois isso pode ser variável de pessoa para pessoa) materializar toda a afetividade que o levou a exercer tal função social, buscando meios e caminhos de conseguir atravessar e atingir o cuidado com o aprendiz que cada um de seus discentes necessita, o que proporcionará diferentes maneiras de desenvolver a capacidade e aptidões dos discentes. Esse mecanismo, por mais subjetivo que seja, e que realmente carece de uma forma eficaz de atingi-lo a não ser pela tentativa e pelas experiências, quando atingido, criará a ambientação necessária, e que discute com a ideia de Wallon e Vygotsky, de que a afetividade e a inteligência são resultantes de um papel social da vivência do ser humano, neste caso do discente. Na vida, a afetividade irá se construir a partir da relação que o ser humano terá com o lugar e com as outras pessoas com quem convive, e na escola isso não é diferente. Essas relações dirão ao discente quem ele é e por isso “afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida”. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 36).

3.1 A psicologia da educação – afetividade

O processo cognitivo dos discentes que desenvolve esse processo mental de percepção, memória, juízo e raciocínio bastante importante na vida acadêmica e também social dos seres humanos, surge por parte desta afetividade, boa relação e respeito mútuo entre docente e discente. Esse vínculo sadio, da interação na sala de aula, transforma essa etapa imprescindível na carreira estudantil de crianças e adolescentes mais acessível ao nível de conhecimento que ainda está em construção e fomentação, e

que se realizado em parceria, o educando gera sentimentos de confiança e consideração por seu docente, que ao guia-lo no caminho do aprendizado, transforma o ambiente escolar num ambiente acolhedor e favorável à edificação do aprendizado.

Ainda ligado ao lado cognitivo, essa ligação, quando alcançada, pode tornar-se o mecanismo pelo qual possibilita a ação de educar, ultrapassando a função, como comentado anteriormente, de simplesmente mediar conteúdo didáticos que acompanham regras institucionais que as vezes desviam o caminho do ensino saudável, mas sim de buscar metodologias que estimulem e despertem nestes discentes vontades e particularidades em relação a valores essenciais para a própria vivência. Quando o processo pedagógico é enrijecido, padronizado e pouco maleável, a educação ganha um caráter que deveras cumpre o papel oposto de tornar a educação atrativa ao discente, por isso é tão importante pensar em como estabelecer a interação docente/discente possibilitando assim a conquista de boas relações humanas e afetivas.

Como percebemos, a afetividade é um fator de certa forma primordial para a aquisição do conhecimento e direcionamentos sociais, e isso se aplica principalmente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, onde os indivíduos estão tendo seu primeiro contato com o ambiente escolar e da relação com o docente e seus colegas. Nessa idade, a criança está dando seus primeiros passos no desenvolvimento e construção da mentalidade quanto sujeito. Não por acaso, quando lembramos do nosso período de escola na educação infantil e no fundamental, é bem provável que venha na memória um docente que seja exemplo de carinho, de acolhimento e não menos importante, de diversão. Como foi no meu caso, as minhas primeiras memórias vão muito mais nessa direção de ensino aprendizagem, e isso demonstra o quão marcante são esses mecanismos e metodologias de ensino que se aplicam para esta faixa etária. Dito isso, o esforço do docente é indispensável no que diz ao bom relacionamento em sala de aula com estes discentes, tendo o papel de intermediador das relações principalmente entre eles mesmos, na troca do dia a dia escolar.

Entretanto, é importante esclarecermos o sentido de afetividade pois ela não se resume apenas em ações como amizade, carinho, parceria e confiança, e não é desmerecendo esses lugares alcançados, até porque eu mesmo os vejo como importantes mecanismos sociais e bons termômetros na relação humana, mas

afetividade também é expressar-se, trazer suas intenções, anseios e sentimentos para determinado contexto. Quando o discente não desperta por si só sentimentos motivadores e positivos com o ambiente escolar, de realmente querer estar neste lugar, de sentir-se valorizado e desafiado positivamente a aprender, e isso fica claro no convívio diário com ele, seja por parte do docente e até mesmo da família, isso acaba comprometendo o desenvolvimento afetivo e cognitivo dele na educação tratando-se que são aspectos interligados. Por isso, mais uma vez, destaco o quão importante é fazer aflorar esta afetividade nos discentes, e cabe não somente ao docente, mas também à família de ter artifícios em prol de despertar o desejo e vontade de seus filhos(as) quererem estar no ambiente escolar. Para Vigotsky, os tratos do aprendizado com as crianças estão ligados ao meio cultural, a origem do sujeito e a sociedade em que vive, por isso se faz importante o papel da família, e o quanto esses elementos são influenciadores na formação de personalidade e relacionamentos afetivos enquanto ser humano. Por isso, neste primeiro contato do ambiente escolar é onde se inicia a relação de práticas sociais e de emoções que irão nortear suas atitudes e aprendizados em todo seu percurso acadêmico.

As ferramentas culturais internalizadas constituem instrumentos mediadores para a metamorfose do domínio afetivo ao longo do percurso da vida de cada membro da espécie humana [...] A imersão dos sujeitos humanos em práticas e relações sociais define emoções mais complexas e mais submetidas a processos de auto-regulação, conduzidos pelo intelecto (ARANTES, 2003, p. 27).

Não somente para o ensino infantil e anos iniciais, mas principalmente para os anos finais e ensino médio, onde os adolescentes vivenciam o constante amadurecimento e transição no desenvolvimento físico e psicológico para a fase adulta, o docente é tido por referência para os discentes, o que manifesta outra ação natural do ser humano, de buscar referências de pessoas que moldam de certa forma o direcionamento de pensamentos e falas que ele assumirá ao longo da vida. E muitas dessas referências são referências afetivas. Esses contatos surgem muitas vezes na relação discente e docente, e acaba gerando marcos importantes que irão formar não só o intelecto, mas a identidade do indivíduo.

As referências afetivas são pessoas, são palavras e gestos que os outros usam na vida e que vão, de alguma forma, transformar-se em relação de cuidado ou de descuido para com a criança. A leitura que a criança faz desses gestos e desses atos do adulto, seu cuidador, é que vai desencadear o processo psicológico que chamamos de identidade ou formação de identidade. Então é na afetividade, isto é, na maneira como se fazem os vínculos entre o adulto e a criança que a identidade vai ser favorecida ou não. (CAPELATTO, 2007, p. 17).

No ensino infantil e anos iniciais, as crianças criam seus primeiros laços e demonstrações afetivas por sua família, e isso gera nelas um sentimento de proteção e de amparo que é impactado na maioria das vezes ao transportar-se ao ambiente escolar. É comum o relato de pais e mães que ao deixar seus filhos na escola, os veem chorar e não quererem se separar de sua família. É uma mudança um tanto brusca que acontece na vida de todo ser humano, e ocorre um sentimento de desespero, de dúvida, de medo de não saber o que irá acontecer, e aí está mais um papel fundamental da relação docente e discente que é gerar um novo sentimento de proteção, de afeto e de tranquilidade no ambiente imagético que se constrói de escola, trazendo segurança ao discente e buscando não o frustrar no primeiro contato escolar. Ao deparar-se com esse novo lugar que a princípio é intimidador e ocorrer do discente não ser amparado da forma que precisa, isso pode dificultar muito seu processo acadêmico por toda sua vida, e por isso o papel da afetividade provinda do docente é um grande artifício pedagógico para fazer essa criança se sentir acolhida.

Para discutirmos essa relação do discente com a escola, abordaremos os estágios de desenvolvimento cognitivo infantil no qual Piaget (1970) fala, e que é um estudo referência que irá contribuir para observarmos a relação das crianças e adolescentes com o ambiente escolar em diferentes processos. Segundo Piaget, são quatro fases que dividem faixas etárias e que compõem esse desenvolvimento:

1ª fase: sensório-motor, ocorre desde o nascimento até os 2 anos de idade, e representa o período em que a criança ainda não tem a capacidade de representar formas e objetos, e sua coordenação motora está em desenvolvimento por estímulos e pelo ambiente em que convive, experimentando o processo da ação e do corpo que de dentro para fora, explora seus sentidos e sensações.

A 2ª fase: pré-operatório, acontece dos 2 aos 7 anos de idade, e a criança já

consegue dar significado as coisas, a criar imagens de objetos, e tende a se colocar no centro de todas as situações. Neste período ocorre a fase dos “porquês” e é comum ser a fase mais egocêntrica do desenvolvimento cognitivo, pois a criança, em sua maioria, não desenvolveu ainda sentimentos de empatia, de se colocar no lugar do outro.

Já a 3ª fase: operacional concreto, que ocorre dos 8 aos 12 anos de idade, sua organização mental já é integrada, e a partir da lógica ela já consegue resolver problemas concretos, mas o pensamento abstrato e filosófico ainda se encontram em desenvolvimento. Ela é capaz de trabalhar com a representação e não somente com a materialização. As regras sociais já são mais claras, internalizadas e ela compreende justiça e reciprocidade. Nessa fase é onde as crianças desenvolvem questões conceituais.

E a última, 4ª fase: operacional formal, que acontece por volta dos 12 anos em diante, ocorre o desenvolvimento do pensamento abstrato e suas reflexões. É nessa etapa que, já adolescente, forma opiniões e conceitos sociais importantes para sua relação como indivíduo no mundo. Ele desperta o olhar para si e para o entorno tendo forte questionamento das coisas e torna-se capaz de deduzir as consequências das ações.

Visto essas fases de Piaget, é importante entender que elas são variáveis e como já mencionado anteriormente, fortemente influenciadas pela modernidade e pela era tecnológica, e cada criança terá seu próprio desenvolvimento a partir dos estímulos sociais, culturais e familiares em que convive, e também de sua acessibilidade a informação e recursos. Mais uma vez reforço a importância da família na educação das crianças e adolescentes além da escola, pois elas compõem muito a formação cognitiva desses indivíduos que como vimos, se inicia no ambiente familiar. O papel da escola, do docente e também da sociedade com esses discentes é de suma importância na sua concepção de vida como ser humano, e a afetividade, seja ela provinda de diferentes fontes, proporciona e transforma a valorização de pensamento dessa pessoa.

Desde crianças, os discentes demonstram ser seres humanos dotados de inteligência (principalmente nos dias de hoje) e capacitá-los a desenvolver ela da melhor maneira é um dos pontos fortes que o docente, se assim compreender, valorizará nesses indivíduos através de suas compreensões de mundo e opiniões, e a partir delas ampliará

as discussões e formação do discente, e essa valorização, alinhada a outros fatores, pode ser capaz de aproximar a relação docente e discente garantindo uma boa convivência e qualidade no aprendizado.

Se pensarmos em nossas próprias experiências acadêmicas, nos recordaremos de um(a) colega de escola que se tornou um grande amigo, e isso também ocorre ao recordarmos de um docente que nos marcou. Isso acontece diversas vezes por meio da atenção que recebemos no ambiente escolar, com identificação, reconhecimento, e até mesmo alguém que tenha nos causado um sentimento oposto ao buscado, causando assim uma frustração e até mesmo uma marca na memória. Nós, seres humanos, guardamos lembranças positivas e também negativas do nosso período acadêmico, e muito disso se dá em muitos casos por conta da afetividade (ou a ausência dela), o que exemplifica a importância da afetividade neste e em quaisquer ambientes que necessitam de uma conexão, uma relação de confiança em quem deposita o interesse de manifestar-se naquele local, de estar presente.

A construção do conhecimento se dá também pelo caminho da afetividade e do diálogo, não é à toa que quando desempenhamos o papel de discente, o aprendizado se torna mais natural, com mais fluidez, quando encontramos um docente que desempenha seu papel de ensinar quebrando os padrões profissionais, escolares e burocráticos, e reconstruem o ambiente escolar como um lugar de troca, de criação, de pesquisa conjunta. Como chegar a esse lugar? Não é uma tarefa tão simples, necessita de dedicação, tentativas, e é através de erros e acertos que o docente criará aparatos que muitas vezes beiram a técnica, mas não os são por se tratar de seres humanos e suas particularidades, mas que essa identificação de meios eficientes dão um suporte maior para o trabalho do docente.

Os afetos ajudam-nos a avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio. (BOCK, 2005, p. 193).

Como seres pensantes, muitas vezes nós precisamos nos sentir acolhidos em determinado ambiente, sentir que neste lugar podemos romper nossa “bolha social” e

nos aproximarmos de diferentes vivências, de criarmos conexões com novas pessoas, de sentir-se valorizados ao darmos nossa opinião sobre determinado assunto, e na escola isso é primordial. Quando uma criança ou adolescente constrói a sua relação com a escola e com o aprendizado, ela precisa passar pelo amparo do docente para lidar com o saber, com as novas experiências que este ambiente lhe proporcionará, ela precisa sentir-se aceita por seu docente e seus colegas para que não haja travas sociais como vergonha ou medo de falar, que são comuns na escola, e constituir um lugar onde estas travas não existam, é um desafio e tanto. Como seres humanos, dotados de inteligência, precisamos sentir que isso se desenvolve de alguma maneira com o que nos propomos a fazer, e isso ocorre muitas vezes irracionalmente, no nosso subconsciente. O docente tem o papel de ser instigador, de proporcionar prazer no aprendizado, e como comentamos, principalmente, ser uma representação de inspiração, de confiança, de espelhamento daquilo que o discente busca quando se dispõe a dedicar-se a aprender. É comum vermos, principalmente com crianças nos anos iniciais, um comportamento de querer sempre mostrar ao docente o trabalho que está sendo feito, seja ele um desenho, um poema, uma criação de arte, e esse mostrar é uma busca pela aprovação, pelo reconhecimento, onde a tentativa de agradar e de talvez receber um elogio vindo do docente em relação à algo que se criou, representa ser reconhecido como importante, de ter atingido os objetivos do docente, que é ensinar algo novo aos discentes, e essa ação deles é uma demonstração de conquista, de objetivo alcançado.

Obviamente o ambiente escolar não é só constituído de elogios, a crítica construtiva a partir do erro do discente deve ser tomada com suma importância e cuidado, pois socialmente um indivíduo comete acertos e erros, e é importante que ele saiba lidar com aquilo, da melhor maneira. Quando o docente aplica uma correção do problema, ensinando o que é certo e como se faz, ele ajuda o discente desenvolver cognitivamente a confiança nas pessoas e que ele não deve temer os erros, e normalizar isso é proporcionar às crianças e adolescentes o poder de compreender e de não se frustrarem quando errarem, seja no ambiente acadêmico ou em qualquer ocasião da vida. Com essa normalização do “errar” abrimos um horizonte de possibilidades para o discente buscar alternativas para superar essa barreira e de compreender que é natural que tenhamos de voltar e refazer uma atividade, de repetir algum exercício, de buscar ajuda quando

tivermos dificuldades com alguma coisa, e quando a afetividade entre docente e discente se mantém na relação que eles criaram, isso facilitará muito na compreensão do discente ao lidar com essa temática que pode e é normal que seja conflituosa. O prazer de aprender é sempre um ponto alto para o discente, e esse prazer está muitas vezes ligado à essa afetividade que se constituiu. Como discentes, eles buscarão no docente uma resposta para aflições que surgirem a partir do aprendizado, e cabe ao docente incentivá-lo e dar ferramentas para que ele consiga resolver sua inquietação, e esse incentivo desenvolverá no discente a capacidade crítica e criativa com as coisas, por isso é tão importante que como docentes, não resolvam os problemas dos discentes por eles, mas sim os ampare para que construam por si mesmos, um caminho de novos conhecimentos a partir das situações.

4 O CAMINHO DA APRENDIZAGEM

Quando pensei em falar sobre este tema, a minha maior preocupação foi em “como falar sobre docência, se ainda estou em formação e possuo pouca experiência vivida como docente”, mas então em uma conversa com minha orientadora, Rita, ela me disse uma coisa que me fez muito sentido: “mas você possui experiência como discente.” Foi aí então que compreendi que para nos tornarmos docentes, primeiro de tudo, precisamos ser discentes, entender como é sentir o primeiro contato com a escola, o passar dos anos, a evolução do aprendizado, as escolhas que precisamos fazer ao longo do caminho acadêmico e outras complexidades que nos deparamos no universo escolar. Todo docente um dia foi discente, e justamente por eu ter vivenciado todas essas experiências na escola com diferentes docentes com quem aprendi, que trouxeram metodologias e mecanismos de ensino diferentes uns dos outros e que, por diversos caminhos, encontraram uma maneira de conectar minha atenção, meu interesse e de me instigar a aprender, que me fizeram interpretar a afetividade como um amplificador na qualidade do aprendizado do discente.

A afetividade está ligada intrinsecamente com o aprendizado, e todo indivíduo que aprende, independente do conteúdo, se dispõe em relação com alguém ou algo, e é nesse contato que nasce o vínculo afetivo, em diferentes proporções e intensidades, mas que é inerente ao ser humano.

Tudo é aprendizado. Quando nos tornamos adultos, acredito que todos já ouviram alguma vez na vida a frase “mas fica como aprendizado” que normalmente vem acompanhada de uma situação adversa ao planejado, ou de algum acontecimento ruim. Neste caso, podemos dizer que o indivíduo também despertou a afetividade, mas por um outro lado, que chamamos de afeto negativo. Esse tipo de afeto, diferente do qual abordamos até o momento, também é natural do ser humano, e envolve a experiência de emoções negativas e é comum que ela seja expressada de alguma maneira, inclusive pelos discentes, e me incluo nisso.

Certa vez, quando eu estava no fundamental II, recebemos um docente substituto na disciplina de artes, e em uma de suas aulas, que até então estavam ocorrendo naturalmente, ele nos pediu que fizéssemos um trabalho de colagem, com recortes de

revistas e que montássemos uma obra de arte. Então comecei a produzir meu trabalho, e eu e outros colegas tínhamos o costume de levar o trabalho para o docente avalia-lo, e assim o fiz. Mas quando o docente olhou meu trabalho, ele caiu na risada. Diante dessa situação, fui envolvido com um turbilhão de sentimentos, dentre eles a vergonha, de estar sendo exposto na frente de todos os outros colegas, e também de não entender o motivo da gargalhada que o docente dava, e eu não consegui nem o questionar do porquê, justamente em um momento em que eu solicitava sua ajuda. Me recordo que em seguida fiquei desconcertado, e quando voltei a minha mesa o sentimento de vergonha foi transformando-se em raiva, e me deixava inconformado com o ocorrido. Com todas essas emoções negativas que fui submetido diante dessa situação, tive a brilhante (mas péssima) ideia de pregar uma peça no docente em sua próxima aula, e assim o fiz com a ajuda de dois colegas, mas o resultado final, fui mandado pela primeira vez à diretoria para receber uma suspensão (afastado da escola por alguns dias).

Toda ação que tomamos quanto docentes gerará algum sentimento nos discentes com quem nos comprometemos a educar, e toda ação resulta em uma reação, e infelizmente foi isso que me aconteceu. Compartilho essa experiência para trazer em discussão que docentes e discentes são seres humanos como iguais, independente de sua figura dentro da escola, e ambos possuem momentos negativos em suas vidas. Como docentes, precisamos saber selecionar e agir com cautela quando lidamos com as emoções dos nossos educandos, e toda vez que nos depararmos com alguma situação adversa, contorna-la com afeto é um caminho de suma importância. Algo que ouço muito na graduação, quando falamos de sentimentos e emoções é a palavra “cuidado”, e realmente precisamos cuidar desse assunto, não abstendo-se, mas sim dispondo-se a ajudar.

Dentro do ambiente escolar a dificuldade na aprendizagem, na comunicação, na socialização destas crianças e adolescentes é proveniente de algum trauma passado ou até mesmo de uma carência afetiva provinda do seu ambiente familiar, e saber lidar com essas diversas características particulares de cada discente é muito importante. Trabalhar com seus pontos positivos e ajuda-los encontrar saídas, gerará neles confiança para poder se conectar melhor com o ambiente escolar, que pode ser como um local de refúgio para o discente.

A aprendizagem é um processo que, como qualquer outro, encontra barreiras e obstáculos a serem superados, e é nesse processo que a personalidade das crianças surge e a capacidade individual de resolução de problemas se aflora mais em umas do que em outras, por isso é ideal que docentes e as famílias estejam atentos para auxiliá-la nessa busca. O discente, como um todo, sempre buscará atribuir significados àquilo que ele aprende, seja na sala de aula, seja no pátio da escola e principalmente, em casa.

Aprender não está somente relacionado à vida acadêmica, muito pelo contrário, os hábitos que iremos formar e os aspectos da vida afetiva do indivíduo estão conjuntamente relacionados a assimilação de valores culturais já construídos e estabelecidos desde o nosso nascer. Outra parte importante desse aprendizado são os aspectos funcionais, que são resultado de toda uma estimulação ambiental que o indivíduo recebe durante toda sua vida.

O ato de conhecer é dinâmico; é mais do que memorizar ou reter informações; é mais do que assimilar de modo passivo um reconhecimento previamente elaborado. Conhecer envolve, além da assimilação, a reelaboração crítica, a reinterpretação ou a recriação de informações e de conceitos. (BARBOSA, 2020).

É comum no ambiente escolar nos depararmos com um padrão de repetição provinda das crianças e adolescentes, e trata-se de um momento de seleção, de apreciação das experiências a partir de suas necessidades e expectativas (que são muitas) com o que se está aprendendo. O docente consegue desempenhar nesse caso um papel de estimulador, de influenciador, mas deve conter-se de técnicas que irão influenciar no processo particular do indivíduo, e as vezes nesse processo de aprendizagem o discente interpretará a atividade ou o exercício, principalmente se for artístico, com sua própria inspiração e trará um aspecto original ao que produziu de conhecimento.

Me recordo de momentos no meu período acadêmico em que alguns docentes faziam intervenções muito incisivas no trabalho criativo meu e de outros colegas, com o objetivo totalmente de atender à metodologia do ensino na sua forma direta e bruta, e como isso era frustrante para nós, o que tornava a experiência em sala de aula com esse docente desconexa e desinteressante. Por isso volto a frisar o quão importante é, quando

desempenhamos o papel de docente, trabalharmos o olhar e direcionarmos nossa atenção não somente às disciplinas regradas em prol da educação, mas ao lado pessoal, individual e criativo dos nossos discentes, e que cada um terá um tempo, forma e maneira de aprender determinado conteúdo, e também de inspirar-se de sua própria maneira.

Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 2003, p. 118).

As crianças e os adolescentes aprendem muito com o ambiente escolar não somente com as disciplinas, mas também com o convívio, pois é nele que ela irá pensar além do que aprendeu e descobriu individualmente e coletivamente na relação entre docentes e colegas. Essa elaboração hipotética do mundo a se descobrir é um importante material criativo e imaginativo que é mais forte nas crianças, mas em comparação mais afluído nos adolescentes, e é uma fase importante para um direcionamento de escolhas e gostos que delimitam o prazer das coisas para esse indivíduo.

Nesse caminho, o docente pode proporcionar parâmetros através de valores e afetos que tragam proximidade ao discente e dê a ele material a ser investigado, a confiança que um terá pelo outro trará maior profundidade a pesquisa e de certa forma, valorizará o processo e não somente o resultado. Esse debruçamento afetivo na relação docente-discente ajudará no processo de aprendizagem pois poderá desenvolver a autoestima e a confiança do discente ao deparar-se com o novo, com o indescoberto, que poderá gerar crises e até mesmo traumas com determinados temas e atividades, e esse papel do docente, por mais delicado que seja, é fundamental para que haja a eficácia na aprendizagem e no desenvolvimento escolar do discente.

Ainda falando de aprendizagem, houve uma experiência que me marcou muito no quesito novidade e rompimento de medos e paradigmas, que foi minha primeira formação em teatro, realizada de 2016 a 2017 na SP Escola de Teatro, em São Paulo. Nessa experiência, tive o prazer de conhecer um dos docentes mais importantes na minha trajetória de formação teatral, Filipe Brancalião, que esteve como formador do nosso

curso durante os 2 anos que estive na escola. Com ele conheci e vivenciei algumas investigações artísticas, que por serem novidade, traziam um certo medo e apreensão do novo, mas que a partir da condução do docente de criar uma ambientação, um espaço de criação e compartilhamento de toda uma descoberta artística, eu e meus colegas de turma conseguíamos desenvolver o processo criativo de uma forma muito positiva. Me recordo do quão harmonioso era estar naquele ambiente, do quanto o docente conseguia “quebrar” a figura de poder e ressignificar esse papel em uma figura de ampliador de horizontes do saber. Ele conseguia através da afetividade nos proporcionar um sentimento familiar, de abertura e de confiança no que estava sendo criado. Foi nessa escola, e com essa experiência, que compreendi a importância de valorizarmos não somente o resultado das coisas, pois a palavra “resultado” carrega significados de conclusão, de finalidade, e nem sempre o processo de aprendizagem do indivíduo está ligado a um fim, e solicitar um resultado pode romper o fluxo da linha de criação dele, por isso é tão importante a valorização do processo como um todo, e é dele que surgirão novas descobertas.

[...] a conquista do disciplinar que possibilita o bom desenvolvimento da autoestima e eficácia na aprendizagem da criança depende da relação afetiva do docente, do conhecimento e da capacidade de intervir no processo. Sempre há possibilidade de ajudar e incentivar corretamente a criança no processo ensino-aprendizagem. (ZAGURY, 2007 *apud* BARBOSA, 2020).

4.1 Dentro da sala de aula

Agora falando mais sobre as experiências da sala de aula, podemos falar que a relação sinestésica também é peça chave quando o assunto é a criação de uma relação docente-discente. Em minhas experiências como discente em sala de aula, mais especificamente na graduação, a troca de conhecimentos e de ideias entre os colegas e com o docente me fez interpretar a aula não somente como um lugar de ensino-aprendizagem, mas também como um lugar de experiência artística. Essa experiência artística, que muitas vezes fora colocada como proposta de trabalho pelo próprio docente e outras vezes surgiu como reflexo de um aprendizado rico e valioso, consegue promover para todos os envolvidos, docentes e discentes, um aprendizado coletivo prazeroso,

natural e que de certa forma, rompe com a estrutura autoritária que se imagina quando pensamos em instituição e o lugar em que se ensina. Parte como princípio ativo de atos de coragem do próprio docente, que se liberta desse papel verticalizado e se coloca dentro da experiência, como agente criador conjunto com os discentes.

Essa disponibilidade do docente, e também dos discentes, promove uma proximidade que vai além de afetividade, e é onde quero chegar, que é quando o trabalho, o processo criativo e de exploração une os indivíduos participantes independente de níveis de proximidade. Quando disponíveis para criarem, a atmosfera que se alcança é repleta de materiais ricos e repletos de conquistas positivas.

Quando a pesquisa chega a esse ponto, a esse monumento estruturado de uma vontade coletiva, da disponibilidade compartilhada, independe de quaisquer esforços em prol da conexão, não importa quais artifícios pedagógicos foram utilizados para que esses indivíduos tenham um vínculo formado, ele acontecerá naturalmente, e trabalhar dessa forma influencia diretamente na qualidade do aprendizado, da absorção do conteúdo como um todo da melhor maneira. À essas experiências que estão ligadas a ideia de performance como educador e dialoga com a ideia de docente-artista, Rachel (2013) diz:

Uma das metáforas que poderia ser considerada a mais precisa em relação à figura do arte educador é a do *docente-artista*. Tal metáfora possibilita um trânsito mais aproximado entre a ação de educar/aprender e a ação criativa – a construção de um saber como ato criativo pode constituir uma boa leitura para a atitude ideal de um docente-artista. [...] Esta afirmação posiciona o docente-artista em um âmbito experimental que contraria o aspecto predominantemente ordeiro, projetado e planejado da prática pedagógica. [...] (RACHEL, 2013, p. 32).

Esse docente motivador e incentivador dos processos criativos, das experiências da pesquisa e do aprendizado coletivo compartilhado, torna-se um indivíduo que além do seu posto de docente consegue conectar-se com seus discentes e transbordar o aprendizado além da sala de aula. Ter consciência quanto docente, de ser um agente transformador e repleto de artifícios e metodologias, é muito importante, mas o ensino-aprendizagem está muito além disso, sua melhor forma se dá quando há uma harmonia entre docente e discente, e garantir essa harmonia é proporcionar um aprendizado alcançável, palpável.

Como docentes, teremos nossos planos de aulas e uma certa idealização de “aula perfeita”, embora isso seja apenas um conceito inexistente que criamos a partir de nossas expectativas. O ambiente da sala de aula é vivo, mutável, transformador, e essas características só existirão se este espaço for questionado. A qualidade na aprendizagem é o resultado de uma junção de elementos construídos dentro e fora do ambiente escolar, pela instituição de ensino, pela família, mas principalmente na relação entre docente e discente, e que aliada a afetividade, proporcionará um ganho considerável na educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo em que passamos na escola é sem dúvida um grande percurso social e nos faz relacionar educação com aprendizado. Começando pela infância, nós criamos nossos primeiros contatos com o docente, e é nessa relação que se desenvolve o interesse em aprender, e é no espaço da escola que descobrimos como nos expressarmos diante do novo, e que se cuidado pela instituição, pela família e pelo docente, podem proporcionar um ambiente afetivo de investigação e do saber.

A relação entre docente e discente pode se originar de diversas maneiras, mas independente da forma, a atenção dessa relação deve estar na aprendizagem, e a afetividade é um grande auxiliador para obtermos uma educação de qualidade e humanizada. O reconhecimento, de docente para discente, é um dos caminhos para alcançar a relação que se cria e fortalece entre eles, que abre um horizonte de possibilidades deles se relacionarem e construírem uma identificação a partir da confiança, do respeito e da igualdade no ambiente da sala de aula.

Pensar no lugar e no conceito de afeto nos faz compreender como essa relação se constrói, desenvolve e amplia os horizontes do conhecimento na educação, que amadurece ao longo dos anos em que percorremos quando crianças, pré-adolescentes e na adolescência. Como vimos, a afetividade e a inteligência são características que atuam na personalidade do indivíduo, que são moldadas ao longo dos anos através de estímulos e influências do ambiente social em que convivem, e a escola e o contato com o docente, colegas e com a família é importante para que haja uma identificação do discente com o espaço em que convive e que desenvolverá o conhecimento do novo. Ela também está ligada ao processo cognitivo dos discentes que tem o papel de desenvolver o processo mental de percepção, memória, juízo e raciocínio bastante importante na vida acadêmica e também social dos seres humanos. Tornar o vínculo docente e discente sadio através da afetividade promove que essa etapa seja compatível com o momento de desenvolvimento pessoal e intelectual de crianças e adolescentes, e desta forma gerará o sentimento de confiança no discente pelo docente e pela escola.

A afetividade também não se resume apenas em ações como amizade, carinho, parceria e confiança, mas afetividade também é expressar-se, trazer suas intenções,

anseios e sentimentos para determinado contexto, e é através da afetividade que o discente se sentirá motivado a estar no ambiente escolar.

Como discente, mas acima de tudo como pessoa, a educação se fez muito presente em minha vida através das relações, e optei por compartilhar neste trabalho algumas de minhas experiências na educação, com a intenção de auxiliarem na compreensão e discussão do tema.

Entender-se como discente na escola é sentir-se pertencente a um lugar, a um grupo de pessoas que conjuntamente, mesmo com diferentes características e necessidades, irão se complementando no aprendizado através da troca, da dedicação, do lugar afetivo que há em todo ser humano.

Nesta trajetória, é provável que haverá um docente em especial que nos fará sentir pela primeira vez a sensação de conquista, de reconhecimento, de dever alcançado através do aprendizado e da prática, independente da disciplina e metodologia utilizada. Esse lugar alcançado é constituído de tantas vertentes positivas, que se aproveitadas e aprofundadas por ferramentas fornecidas pelo docente, abrirão um horizonte de oportunidades para o discente aprender através de uma educação de qualidade.

Quando penso em educação, acredito que estamos constantemente aprendendo. Mas quando de fato nos tornamos docentes? Todo docente um dia já foi discente, e esses momentos o influenciarão em sua maneira de educar, de ensinar, e isso é ser docente: esse processo infinito de trocas e experiências que realizamos com o outro na educação.

A palavra afetividade surgiu naturalmente em minha escrita, e acabou tornando-se tema principal aliado a educação, e isso representa o significado deste trabalho.

Apontar o caminho da aprendizagem é conseguir, como docente, dentro ou fora da sala de aula, ser instigador do conhecimento, de gerar interesse do discente com o aprender, que dará confiança e valorizará os processos individuais de cada educando, seja na educação formal, no teatro ou em qualquer lugar que mesmo sem uma estrutura escolar, exista alguém que tenha o desejo de ensinar e compartilhar com o discente, não só um conteúdo, mas sim experiências através de metodologias que possam criar um vínculo afetivo na relação docente-discente, que proporcionarão a ele materiais e ferramentas a serem exploradas, tornando-se assim a afetividade, amplificadora do aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 out. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CAPELATTO, Ivan. **Diálogos sobre afetividade**. Campinas (SP): Papyrus, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GRATIOT-ANFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Organização: Elaine T. D. M. Dias. Tradução: Patrícia Junqueira. Recife: Editora Massangana, 2010.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor**: reflexões em torno do híbrido docente performer. 2013. Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes André. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86833/rachel_dp_me_ia.pdf?sequence=1. Acesso em: 19 out. 2021.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; TAVARES, Aline Lima. **Desenvolvimento sociocognitivo e histórias infantis**: subsídios para a prática docente. Paideia, Ribeirão Preto, v. 19, n. 44, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/N8rTDKPH7GrW5VzjxG3sS8x/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.